

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO

GRANDE REPORTAGEM:

A VIDA AMARGA DOS COLHEDORES DE CANA

Curso: Comunicação Social--Jornalismo

Aluna: Janete Jane Cardozo

8018323/9

Florianópolis, 23 de janeiro de 1984.

Em Piçarras, os trabalhadores da USATI
vivem em condições sub-humanas.

São homens e mulheres envelhecidos
antes do tempo.

São crianças minguadas pela subnutrição.
Cada vez mais ameaçados pelo desemprego,
esses agricultores sem terra não têm
perspectivas de uma vida melhor.

"É simplesmente delicioso trabalhar com os colonos."

Quem me diz isso é José Andrade, gerente de Recursos Humanos do setor agrícola da USATI - Usinas de Açúcar e Alcool Adelaide Tijuca S.A. - empresa que tem seu capital controlado pela família Gomes - os irmãos César e Paulo Gomes são os principais acionistas, junto com Joaquim Ramos.

O Grupo USATI tem terras desde São João Batista até Barra Velha, passando por Biguaçu, Tijuca, Itapema, Camboriú, Navegantes, Ilhota, Luís Alves, Penha e Piçarras.

Fazem parte do grupo, além de várias usinas, a Refinadora Catarinense, a Cerâmica PORTOBELLO e a SAGA - empresa dedicada à fruticultura.

A Refinadora Catarinense teve um lucro de Cr\$365.137.821,98 em 1983. Ela, sozinha, está entre as trezentas maiores empresas do país e é a décima em Santa Catarina.

Já as usinas tiveram um lucro de Cr\$157.568.371,86 em 83. Elas empregam 2.080 trabalhadores dos quais pelo menos 624 são trabalhadores rurais - plantadores e colhedores de cana.

Quando me diz que "é delicioso trabalhar com os colonos" o gerente da USATI refere-se aos 253 trabalhadores rurais da usina em Piçarras.

José Andrade - ou "o professor", como ele é chamado pelos colonos, porque dá aulas na Fundação Educacional de Itajaí - fala de seu trabalho com orgulho e dos trabalhadores como se os conhecesse muito bem: "Iniciei na empresa a política de aproveitamento da mão-de obra da região", diz ele, "por isso não vamos mais buscar famílias do Paraná para trabalhar aqui, como fazíamos antes."

Esse "antes" começou em 1976, quando a USATI se instalou em Piçarras. De lá para cá desapareceram as pequenas propriedades do interior do município, onde se comprava a preços baixos leite, queijo, ovos, arroz, milho, feijão, verduras e frutas.

Os poucos sítios que sobraram, espremidos em meio aos canaviais da usina, ainda não estão incluídos nos 4.000 ha de terra que a empresa detém em Piçarras (mais de 20% da área total do município, que é de 154 Km²) por causa da teimosia de alguns pequenos proprietários, cujo amor às suas terras tem sido maior que as ofertas da USATI.

As famílias paranaenses, conforme o professor Andrade diz, pararam de chegar há alguns meses. Só não pararam os problemas que Piçarras enfrenta com aquelas famílias que a USATI foi buscar e depois demitiu. Ou se demitiram, ante a diferença entre o que esperavam e o que encontraram.

Só no primeiro semestre de 83 o índice de criminalidade no município havia aumentado 50%, com várias brigas, furtos, agressões a mão armada e arrombamentos de casas.

Todas as ocorrências envolviam ou atuais ou ex-empregados da USATI trazidos de fora. Os últimos morando em barracos no bairro de Nossa Senhora da Conceição, na periferia do município.

A Delegacia de Polícia entrou em contato com a Diretoria regional da usina para pedir providências e os diretores prometeram "recomendar as famílias para seu local de origem".

Se a promessa foi cumprida, o professor Andrade nada disse. Quem falou sobre o assunto foi o Gerente de Recursos Humanos do setor industrial da empresa - Jaime Antônio Bosi. Segundo ele, poucas famílias do Paraná querem voltar, mas quando querem, "sempre que há uma possibilidade a usina leva."

O Prefeito Municipal, Carlos Jaime de Andrade, tem motivos para pensar o contrário. Diariamente muitos trabalhadores da usina dirigem-se à Prefeitura pedindo passagem para suas cidades, ou emprego, ou casa para morar. O prefeito desabafa: "A empresa USATI para nós só dá prejuízo e grande prejuízo." Ele continua: "Além de todos esses problemas, a parcela do ICM que fica aqui é tão pequena que não dá para a conservação da estrada, sempre suja pelo vinhão das roças e danificada pelos caminhões carregados de cana."

O professor Andrade não parece preocupado com as estradas de Piçarras, nem com as idas e vindas das famílias paranaenses. "Conseguir trabalhadores", ele diz, "é fácilímo".

O gerente do setor industrial, Jaime Bosi, discorda. Para ele, não é fácil conseguir mão-de-obra na região. "O pessoal do litoral é mais difícil de trabalhar", justifica. "Enquanto tiver o peixe na mesa para comer, tá bom." E conclui, num misto de revolta e desolação: "Eles não se sujeitam, eles não são afeitos ao trabalho."

O professor Andrade observa que alguns trabalhadores não produzem muito. Ele acha que é porque "essa gente - a expressão é de

le - se acostumou a ganhar aquele pouquinho e não tem ambição de ganhar mais." Ele prossegue em sua análise: "Se eles ganham mil cruzeiros naquele dia, eles param de trabalhar porque o dia já está ganho."

Segundo José Andrade, a produção baixa se deve também a "falhas da usina em termos de vigilância". "Mas, diz ele, "nós pagamos" por produção já para não precisar obrigar ninguém a fazer nada."

Jaime Bosi concorda que a produção poderia ser maior, mas informa, animado, que ela vem aumentando desde que começaram a distribuir a alimentação "in natura", segundo o gerente; os "brindes", conforme os colônos.

Há vários tipos de "brindes", que consistem em pacotes contendo açúcar, arroz, farinha e outros produtos básicos. Ganha quem trabalhar a semana toda sem uma única falta e ainda atingir um nível mínimo de produção fixado pela empresa. Quanto maior a produção, melhor o brinde.

Peço ao gerente que traduza em números esse nível mínimo de produção. Ele se recusa, dizendo que tudo está de acordo com a capacidade do homem" e que "um homem normal atinge essa produtividade".

A produtividade é uma grande preocupação dos gerentes. Sobre ela o professor Andrade tem até uma curiosa teoria: "Quando o pai e a mãe são produtivos, a família toda produz igualmente."

A família toda às vezes é formada pelo pai, mãe e cinco, seis, sete filhos. Como a de dona Maria da Graça, seis filhos. A USATI os trouxe de Nova Aurora, no Paraná, onde trabalhavam como bóias-frias em culturas de soja, café e algodão. Vieram principalmente porque teriam uma casa para morar. (Todos os trabalhadores rurais da usina moram em casas da própria empresa).

Quando chegaram em Piçarras, encontraram uma casinha sem água e sem banheiro, com a promessa de que logo a água seria instalada. As valas para a instalação estão lá, abertas. Mas, até agora, nada.

Enquanto a água encanada não chega, eles retiram a água em baldes de poço no fundo do quintal e usam como sanitário uma fossa negra. Em algumas casas nem isso existe.

Dona Maria e sua família não tiveram o privilégio de ser

vizinhos de feitor. Nos núcleos onde mora um deles as casas são melhores, têm banheiro e água encanada.

A casa do próprio feitor é muito maior e mais bem construída que a dos colonos.

Luz elétrica todas têm. Os talões da CELESC vão direto para a usina, que faz o pagamento (muitas vezes com atraso) e depois desconta da minguada renda semanal dos trabalhadores.

Essa renda dificilmente ultrapassa um salário mínimo por mês. Padre Vendelino, o vigário da Paróquia de Piçarras, sabe como isso acontece, e explica: "Na usina, eles fazem um cálculo - tanto por tonelada. Digamos que essa uma tonelada daria no mês um salário mínimo. Eles verificam então que o empregado colheu aquela tonelada com uma certa facilidade e aí modificam seu preço, de modo que o colono no mês seguinte precise colher duas toneladas para receber a mesma coisa. Ou seja, dificilmente um empregado sozinho consegue tirar mais que o salário mínimo. Agora, eu não posso afirmar se o problema são os intermediários ou se há uma conivência com os diretores da usina. Mas, afirmo que isso são fatos verificados ali."

O padre ressaltava que sabe desses problemas por conversas informais e não porque os colonos o procurem para reclamar ou pedir ajuda. "Eles não procuram a Igreja porque não têm esperança de que ela possa resolver alguma coisa" conclui o padre.

O TRABALHADOR - "UM AMIGO"

O FEITOR - " O HOMEM-CHAVE "

A USATI utiliza três critérios para o pagamento dos operários - o metro quadrado colhido, medido no chão pelo feitor; a pesagem, feita na usina - em que o trabalhador veja e o dia de serviço - oito horas por dia a Cr\$ 165,00 a hora. (Preços de setembro/83) .

A maior parte dos trabalhadores é analfabeta. Pergunto a uma mulher contratada pela USATI há cinco anos se existe tabela de preços para a cana cortada. Existe sim, mas ela nunca viu, nem se interessa. "Eu não sei ler" diz, encabulada, "não adianta."

Vejo a estreita tira de papel que acompanha o pagamento dela, onde estão marcados os descontos, o horário cumprido, a produção, tudo resumido em algumas letras. Mesmo para quem sabe ler, é difícil

entender alguma coisa ali.

Os poucos que entendem explicam: oito Kg. de cana cortada equivalem a Cr\$3,69 e 12 Kg. a Cr\$4,11. (Preços de setembro/83).

Os cortadores de cana e o pessoal que espalha inseticida recebem por semana e têm apenas FUNRURAL. Já os feitores, os motoristas e os tratoristas ganham por mês e têm INPS. A maior reivindicação dos cortadores de cana é passar para o INPS, pois segundo eles mesmos dizem, "o FUNRURAL não aposenta ninguém."

Até algum tempo atrás o pessoal que espalha inseticida recebia leite grátis da empresa. Isso foi cortado porque os patrões concluíram que espalhar inseticida não é um trabalho perigoso. Ninguém reclamou ^{na época} o desemprego é um perigo muito maior.

Nos dias de chuva os trabalhadores precisam cumprir horário (8 h.) para ganhar o dia, cerca de Cr\$ 1.320,00. Às vezes trabalham na chuva. Se isso não for possível, ficam em barracas de lona armadas na própria roça até completarem o horário ou até que o feitor os dispense.

O feitor, conforme o gerente Jaime Bosi, é o "homem-chave". Ele controla de perto o trabalhador e fiscaliza cada metro plantado ou colhido.

A USATI reúne os feitores toda semana. Quer saber quem trabalha mais, quem reclama mais, como fazem o serviço... Nessas reuniões, instrutores ensinam novas técnicas de plantio e corte. De quebra, mandam os feitores pagar abaixo da tabela. A mulher de um feitor se desculpa: "Meu marido não quer pagar menos, mas eles mandam. Ele tem que fazer."

Jaime Bosi conta que, às vezes, os feitores levam um trabalhador às reuniões. Esse trabalhador é escolhido por ser um líder e exercer influência sobre seus companheiros.

Com uma ponta de orgulho, Bosi fala sobre a política da empresa: "Nós hoje consideramos o trabalhador como um amigo nosso. Um elemento que faz parte da FAMÍLIA USATI. Tanto é que instituímos um lanche - pão com mussi, levado nas fazendas todas as tardes."

As esposas dos diretores e gerentes da USATI formaram um clube de vinte senhoras que visitam as fazendas de tempos em tempos

vendo o que as famílias mais necessitam, o que deve lhes dar bastante trabalho. "A minha esposa também participa", diz o gerente.

"Nós compramos brinquedos no final do ano e distribuímos", continua Jaime Bosi, "e não é demagogia nenhuma." Ele se entusiasma: "Também queremos que desapareça aquela figura do gato, do peão e do bóia-fria. Não existe bóia-fria na USATI." De repente, interrompe-se preocupado. Quer saber se as informações serão divulgadas, frisando que isso não interessa à empresa porque ela só exporta e não precisa de divulgação. "As pessoas podem pensar que é demagogia", explica. Depois de saber que sua entrevista possivelmente será publicada apenas num jornal de pequena tiragem, ele prossegue, fornecendo dados estatísticos sobre os trabalhadores: No total, nessa unidade da usina, 70% dos trabalhadores são do sexo masculino e 30% do sexo feminino. Entre 12 e 16 anos, 15% são do sexo feminino e 25% do sexo masculino. Na faixa mais produtiva, 16 a 35 anos, a proporção se inverte - há mais mulheres que homens - 60% do sexo feminino; 45% do sexo masculino. Acima de 35 anos, há 35% de homens e 25% de mulheres.

A mão-de-obra para a agricultura encontra-se estabilizada na empresa. Por enquanto, eles não estão admitindo ninguém.

A USATI já conta com um grupo de trabalhadores rurais chamados "fixos", cuidadosamente escolhido entre os que menos faltam e maior produção apresentam.

O professor Andrade reivindica os méritos disso. "Quando a coisa aperta", ele explica, "no tempo da safra, contratamos uma turma volante, essa gente aqui da região, do litoral, gente que durante o verão trabalha nas praias. Eles sabem que vão ser mandados embora se a gente não mandar, eles pedem demissão!" É o professor pondo em prática sua "política de aproveitamento da mão-de-obra da região".

Sobre as demissões, Jaime Bosi complementa: "Elas são feitas segundo o comportamento e a capacidade do empregado. Isso é uma renovação normal. Se o empregado não desenvolveu...."

O trabalhador se conforma: "Tão falando que vão mandar um mundo de gente embora", diz uma mulher, resignada. "Eles fazem a classificação. Os que produzem menos, eles mandam embora." Ela olha para a filha de três anos, agarrada a sua saia - "No fim da safra, se a usina despedir, a gente vai pra Curitiba, trabalhe em fábrica."

Nem todas as famílias demitidas vão embora. Grande parte constrói barracos nos bairros da periferia de Piçarras e vai vivendo como pode.

Seu João, paranaense da Nova Aurora, trazido pela USATI em 1979, é dos que ficaram. Sua casinha está em melhores condições que os barracos vizinhos e ele faz questão de avisar que não foi demitido: pediu demissão. Por que, seu João? Ele desabafa:

"Eu trabalhava na usina mais duas filhas. Estragar a saúde da família mas nem tanto - diz baixinho como quem fala consigo mesmo. E, levantando a voz: "Lá eu só faltei morrê seco de tanto trabalhar. Cheguei a colher mil metros de cana por dia. Sempre eu trabalhava de chinelo, porque o dinheiro nunca deu pra comprá uma bota."

"Quando era pra trabalhá nas fazendas de fora, às vezes ia em caminhão desalocado, sem banco, ... O feitor perguntava: "não vão?" Se não fosse, perdia o dia."

Isso lembra uma declaração do professor Andrade em que ele diz estar lutando para introduzir na firma caminhões blindados. Pergunto se dariam maior segurança e ele se irrita: "Por segurança, não. Nossos caminhões são seguros, com lonas, bancos e tudo. O que nós queremos é mais conforto."

Seu João continua falando: "Quando eu não trabalhava na usina, cuidava da roça que tinha em casa, em terra deles mesmo. Sempre ajudava. Porque viver do dinheiro da usina... Ela nunca deu "cancha" ali pra ninguém tirá mais do que aquele tantinho pra comer. Agora, remédio, não. Se não tivesse dinheiro, eles dava remédio."

Fora da época da safra, o seu João conta que o trabalho ^{de ele} diminuía muito: "Aí, o feitor ameaçava - "vou botá na rua que agora tem menos serviço". Mas nunca botava. Era sempre aquela ameaça! Quem trabalha, enfrenta as doze horas de sol, tem dia que tá irado. Pedi a conta."

UMA DURA ROTINA

Para os que continuam na USATI, os dias são todos iguais. De segunda a sábado as mulheres se levantam às quatro horas da manhã e preparam a comida que será levada para a roça.

Quando o trabalho nas fazendas de Piçarras diminui, caminhões levam os colonos a outras fazendas da usina - em Tijucas, ou Barra Velha.

Aos domingos os trabalhadores descansam para enfrentar tudo de novo no dia seguinte.

As compras são feitas no centro, em Piçarras, distante 15 Km. A USATI mantém uma cooperativa em convênio com o SESI. Lá, o empregado da usina pode tirar em vale até 60% do seu pagamento. Só que essa cooperativa, assim como o médico, o ambulatório, a farmácia e as ambulâncias, que a empresa também mantém, ficam na sede regional da usina, em Pedra de Amolar, localidade situada na divisa de Ilhota, Navegantes e Luís Alves, a uns 25 Km de Piçarras.

Dia desses, uma mulher marcou consulta médica não conseguiu condução para ir até lá. Outra perdeu um bebê por falta de recursos. Não havia um carro para levá-la até a sede da usina.

Os partos são feitos em casa, pelas mães, sogras ou pelas vizinhas. Alguns fáceis, ainda que feitos sem a devida assepsia; outros, casos para cesareans.

As crianças são vacinadas quando a vacina vem na escola. Conforme as professoras das escolas próximas, há mais de dois anos e elas só recebem a vacina SABIN.

Os colonos não pedem muito. "Eles não pedem nem mesmo um posto de saúde, embora a USATI tenha prometido construir um há mais de um ano. Tudo que querem é que a usina deixe um carro à disposição para atender numa emergência.

CÉSAR GOMES: "COM O SALÁRIO MÍNIMO NINGUÉM SOBREVIVE".

O professor Andrade afirma que os trabalhadores braçais da usina recebem tudo como manda a lei, inclusive assistência médica gratuita, por conta do FUNRURAL. "A usina, diz ele, só investe no transporte."

Todo o material usado nas roças é vendido pela USATI. Desde um par de botas até a espada de cortar cana. Os preços variam. As botas saem 4, 5 mil, pagos em um ano ou mais. Toda semana vem o desconto.

A empresa "deixa" que eles comprem esses instrumentos em ou

tro lugar, mas como eles não têm condições de pagar à vista, são praticamente obrigados a comprar da usina mesmo.

Em seu confortável escritório, o Diretor-Presidente do Grupo USATI, César Gomes, reconhece que o trabalhador rural vive miseravelmente e não tem perspectivas de melhorar. César Gomes também admite que o sistema empregado pela USATI - colonos trabalhando e morando em terra e casas da usina - não funciona bem. Ele analisa friamente as condições de vida dos seus empregados: "Com o salário mínimo ninguém sobrevive. Poderíamos desativar o setor agrícola da empresa, pois ele é deficitário. Mas, se fizéssemos isso, o desemprego em massa seria um desastre. Os trabalhadores rurais não têm opção de emprego."

Quanto a soluções para o problema: "Isso", diz ele, "eu não sei apontar."

Entrevista encerrada, o Diretor-Presidente chama uma de suas secretárias: "Marque para a moça um horário com o doutor Leônidas Martins." E, virando-se para mim: "O Leônidas entende muito mais do setor agrícola que eu."

Leônidas Martins é diretor do setor agrícola da USATI. Ele me recebe em meio a posters de tratores e adesivos onde se lê: "O Alcool é Nosso", no escritório central da empresa, em Florianópolis.

O diretor do setor agrícola parece entender os mecanismos da exploração capitalista que levaram os trabalhadores a situação em que se encontram. Falando sobre a expansão da USATI nos últimos dez anos, ele descreve o avanço do Capitalismo no meio rural brasileiro, com a concentração da propriedade da terra e as mudanças causadas pela introdução da tecnologia no campo:

"A cultura da cana é uma lavoura economicamente inviável para ser feita em pequenas propriedades", afirma ele. "As pequenas propriedades não permitem investimentos em máquinas agrícolas" prossegue.

"A expansão da fronteira agrícola com maiores áreas para o plantio e a introdução da tecnologia no campo - a mecanização da agricultura - criaram a necessidade de que a lavoura se tornasse mais rentável. Tudo isso ocasionou a evolução para as usinas." Conclui: "O pequeno

produtor tende a desaparecer. Com isso, a mão-de-obra familiar se reduz. A cidade absorve mão-de-obra que antes era do campo."

Leônidas Martins vai mais além em sua análise: "É aí que aparecem os subempregos. A mão-de-obra não qualificada que deixa o campo, geralmente se emprega na cidade em construção civil."

"Quanto à expansão da empresa", continua, "ela foi mais acentuada entre 1975 e 1980. Nesses últimos três anos o setor agrícola não teve uma grande expansão. Hoje, temos propriedades no Vale do Rio Tijucas e do Rio Inferninho, no Vale do Rio Luís Alves e no baixo Vale do Itajaí. São 7.500 ha cultivados. Nos próximos três, quatro anos, pretendemos ter cerca de 10.000 ha cultivados. Nessa produção de açúcar é toda exportada, mas o álcool é para consumo interno."

E a mão-de-obra, é estável? Pergunto.

"No setor agrícola", diz Leônidas, "a rotatividade da mão-de-obra é muito grande! Ele acha que isso se deve à "sazonalidade das culturas e a fatores como a temporada de verão no litoral"- as palavras são dele.

O diretor também acha que a maioria dos trabalhadores tem uma pequena propriedade. Pergunto se ele tem um contato direto com os trabalhadores do seu setor. Ele responde:

"Eu tenho contato com os administradores, apenas. Mas a convivência entre todos normalmente é boa. Eles não reclamam muito."

Quanto ao crescimento da USATI como um todo, Leônidas explica que estão com mais ou menos 20.000 ha de terra no estado, contando com os 4.800 ha de plantações de maçã em Fraiburgo, que constituem a SAGA, outra empresa do grupo. Há, ainda, a Cerâmica PORTOBELLO, em Tijucas.

Ao contrário do Presidente da empresa, o diretor do setor agrícola afirma que esse setor não é deficitário. E explica porquê: "O setor agrícola não é deficitário no todo. Se olharmos a empresa como agro-indústria, ele não é deficitário, porque o que dá lucro é a transformação da cana e nós temos a indústria. O problema está no preço da cana, que é tabelado pelo governo e é muito baixo. Logo, com o que se gasta em insumos, não daria lucro plantar a cana. Então

o que se faz", termina ele, "é tirar o lucro na sua industrialização, ou seja, na sua transformação em açúcar e álcool."

"QUANDO OS MENINO É BEM TRABALHADOR"

"Crianças têm muitas. A vantagem delas é que, aos 12 anos, elas já trabalham com carteira assinada." É o gerente Jaime Bosi falando com orgulho sobre o trabalho das crianças nas roças de cana da USATI.

Conforme manda a lei, a usina só aceita crianças a partir dos 12 anos. Mas nos canaviais trabalham muitas abaixo dessa idade, só que elas não têm carteira de trabalho assinada. Assim, a empresa se exime de qualquer responsabilidade.

Os que têm de 12 anos em diante ganham de acordo com sua produção, em torno de cinco mil por semana, "quando os menino é bem trabalhador." (palavras de uma mulher entrevistada).

José Andrade, o gerente do setor agrícola, admite que as crianças frequentam a escola "somente até a 4ª série do Primeiro Grau. Depois elas saem e vão trabalhar nas roças", diz ele.

As meninas dificilmente concluem a 4ª série, pois precisam ajudar no serviço da casa. Além de lavar, passar e cozinhar, elas cuidam das crianças menores, seus irmãos ou não, já que em quase todas as casas o pai e a mãe saem de madrugada e só voltam à noite, deixando filhos de 3, 4 anos sozinhos o dia inteiro. "Eles se cria tudo assim, soltos por aí." "Eles se vira". Foi o que me disseram.

Alguns casais preferem separar-se de seus filhos e deixá-los sozinhos. É o caso de dona Lúcia e seu marido. Eles têm duas crianças que moram com os avós. A família só se reúne nos fins de semana.

Uma creche resolveria esse problema e ela está prometida há bastante tempo. No entanto, o gerente Jaime Bosi desmente essa promessa. Segundo ele, já se discutiu muito sobre isso e - a frase é dele - "a empresa acha melhor contribuir para associações do que construir creches."

"DESSA MENTALIDADE CAPITALISTA

NÃO SE PODE ESPERAR NADA"

Para uma mudança nessa situação, seria fundamental a organização dos colonos. A opinião é do Padre Vendelino, vigário de Piçarras.

Ele conta que em São João Batista, onde a usina começou suas atividades, a coisa está tomando outros ares, graças ao trabalho das Comunidades Eclesiais de Base, que levaram os trabalhadores da USATI a se reunir em sindicatos.

Em Piçarras o sindicato existe, mas só na taxa sindical de contada dos colonos todo mês.

Ele não atua a nível de organização e esclarecimento dos trabalhadores. Ele não defende a classe que representa, ou melhor, que deveria representar.

Padre Vendelino diz que o sindicato precisa ser ativado, pois esse é o caminho para se mudar alguma coisa. Não adianta esperar que a solução venha de outros setores que não o dos próprios trabalhadores. "Dessa mentalidade capitalista não se pode esperar nada", ele afirma.

E conclui: "No Brasil o sistema capitalista manda e desmanda. Enquanto esse modelo político e econômico não mudar, a situação dos trabalhadores não melhora. Tudo o que se fizer é paliativo. Mas assim mesmo é importante que se faça algo."



Restam poucos sítios como este,



onde o colono tem seus meios de fazer a terra produzir.



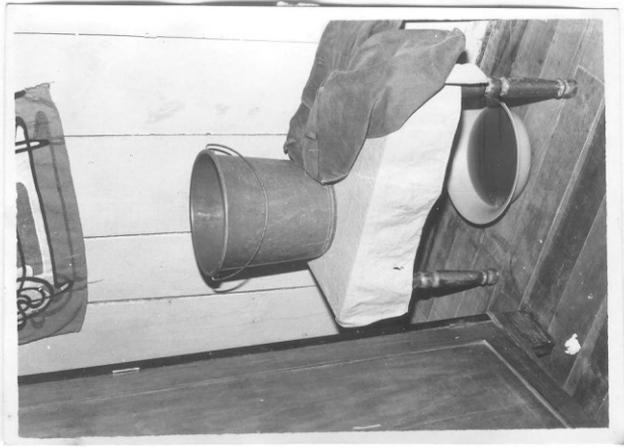
Em volta do sítio. O canavial vem se aproximando.



Um núcleo da USATI. -



A promessa da água encanada.



Sem banheiro, improvisa-se.



O privilégio: um dia, houve um chuveiro.



Desde cedo, as meninas
ajudam no serviço da casa.



Os pais não querem aparecer.
Mas chamam os filhos.
"As crianças podem".



Crianças sozinhas o dia inteiro.
"Eles se cria tudo assim. Solto por aí."



E' preciso cuidar das crianças menores
Irmãos ou não.